

A VIDA COMEÇA TODO DIA

BENEDITA E. S. LIMA CABRAL

Os estudos das últimas décadas sobre o processo de envelhecimento humano contribuíram para sua integração definitiva ao campo acadêmico no Brasil. Abordagens diversas revelaram a trajetória desse conhecimento, apontaram caminhos de pesquisa e produziram um expressivo saber sobre o tema¹.

Mais recentemente registra-se intensa divulgação de questões relativas a pessoas idosas, e também sobre o fazer cotidiano delas. Multiplicaram-se os eventos destinados a esse segmento, cuja vida se torna cada vez mais pública, particularmente através dos meios de comunicação de massa.

As estatísticas demográficas indicam aumento de idosos, pessoas de 60 anos e mais de idade na população brasileira², analisando índice de 7,5% em 1993 (PNAD/IBGE). É um índice bastante inferior aos índices dos países desenvolvidos, cujos valores se aproximam e até superam 15%³, porém, muito significativo face aos padrões sócio-econômicos vigentes e também, porque alguns estados atingem índices mais elevados, como o estado da Paraíba, que alcançou 9,4% de idosos em 1993 (PNAD/IBGE) e 11% em 1995 (PNAD/IBGE). Em trabalho anterior⁴ aponte esse crescimento e sua importância para as políticas sociais e para as relações sócio-familiares.

A visibilidade do segmento não está assegurada pelo aumento relativo desses índices⁵. As recentes mobilizações das pessoas idosas apoiadas pelos interes-

¹ Refiro-me ao conjunto de trabalhos de autores reconhecidos. Alguns deles serão citados no decorrer do texto.

² VERAS, R. P.. *País Jovem com Cabelos Brancos: a saúde do idoso no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, UERJ, 1994.

³ BAZO, M.T.. *La Sociedad Anciana*. Madrid: CIS Colección Monografías nº 113, Siglo XXI de España Editores, 1990.

⁴ CABRAL, B.E.S.L.. *De Trabalhadores a Aposentados. As Contradições da Política Social e a Concessão Tarifa de Direitos*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFPB, mimeo, 1986.

⁵ DEBERT, G.G.. *Família, Classe Social e Etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência do envelhecimento*. *BIB, ANPOCS*, Rio de Janeiro, nº 33, 1992, p. 33.

sados em suas questões, e o movimento dos aposentados⁶ conquistaram espaços e reconhecimento. Ampliaram-se os campos de atuação, legitimaram-se atividades de incentivo à sociabilidade, ao tempo em que a "Lei do Idoso" (Lei nº 8.842), promulgada em 04.01.1994 e seu regulamento de 1996 entraram em vigor. Também aconteceram congressos, seminários e debates em vários lugares⁷. Questões relativas ao envelhecimento, antes vinculadas ao mundo privado da família, do saber médico e da caridade religiosa tornaram-se públicas, influenciando os campos do conhecimento e do agir.

O processo de institucionalização das idades ocorreu lentamente na história da humanidade. A universalização das grades etárias, hoje conhecidas, é uma construção moderna⁸, quando o Estado padronizou o curso da vida, definindo as idades para exercer a cidadania, os direitos e os deveres na sociedade e na família.

Atualmente um novo processo de divisão etária se desenha, face à expectativa crescente da longevidade. Na França, nos anos 50, surgiu o termo **terceira idade**⁹, para classificar a faixa intermediária entre a idade madura, ao término das atividades profissionais e o estágio de envelhecimento. Em diversas análises, Guita G. Debert demonstrou como surge uma nova conotação para o processo de envelhecer e como a "Terceira Idade tende cada vez mais a ser associada a uma meia idade prolongada e ativa, que tem mais a ver com juventude que com envelhecimento"¹⁰. A representação da terceira idade contribui para diluir as fronteiras etárias, ao negar o processo de envelhecer, e criar novas e positivas expectativas para um período do curso da vida. Se desenha uma outra compreensão do tempo da aposentadoria, quando a liberação do trabalho produtivo torna-se um tempo específico, onde se elaboram novos valores coletivos¹¹. Os movimentos de idosos, os grupos organizados, os clubes da maioridade, as associações de aposentados e as universidades da terceira idade, ao congregarem pessoas maduras e idosas, se inserem no processo de criação desses valores.

Neste artigo analiso a experiência dos grupos de convivência de idosos das camadas populares da cidade de João Pessoa-PB, aponto as práticas desenvolvidas neles, discuto as concepções de envelhecimento e focallo as mulheres idosas em suas relações dentro e fora da família e no exercício dessa nova militância.

⁶ SIMÕES, J.A.. O Aposentado como Ator Político, IFCH/UNICAMP, Doutorado em Ciências Sociais, Campinas, mimeo, 1992.

⁷ Na cidade de João Pessoa - PB, em outubro de 1995 realizou-se o I Congresso Brasileiro de Clubes da Maioridade, o qual reuniu 3.500 pessoas. A avenida principal da cidade foi especialmente ornamentada com flores para esse evento.

⁸ FEATHERSTONE, M.. O Curso da Vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento, Trad. Deborah Stucchi. In DEBERT, G.G.. *Antropologia e Velhice*, Textos Didáticos nº 13, IFCH/UNICAMP, Campinas, 1994, p. 49-71.

⁹ LENOIR, R.. L'Invention du "Troisième Âge": constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº. 26/27, março/abril, 1979, p. 57-82. Ver nota 45 p. 66.

¹⁰ DEBERT, G.G.. O Discurso Gerontológico e as Novas Imagens do Envelhecimento, *São Paulo em Perspectiva*, vol. 7, nº. 4, 1993, Revista da Fundação SEADE, São Paulo, p. 121-128.

¹¹ GUILLEMARD, A.M.. La Naissance du Troisième Âge. In MENDRAS, H. (org.). *Les Champs de la Sociologie Française*. Paris: A. Colin, 1989, p.87-96.

Esta análise se apóia no argumento que considera as grades de idade e a categoria velhice como construções históricas e culturais¹² e pretende mostrar sujeitos não homogêneos que compartilham a experiência do envelhecimento coletivamente.

Os grupos de convivência de idosos

Uma importante etapa do projeto Recriar Laços, Reinventar Relações - Estudo sobre a vida sócio-familiar de idosos no estado da Paraíba foi a pesquisa de campo realizada durante o ano de 1995. O método de observação participante foi escolhido para atingir os grupos de convivência de idosos, dos bairros populares da cidade de João Pessoa. Esses grupos foram organizados há mais de dez anos, se reúnem semanalmente nos centros sociais comunitários para realizar atividades recreativas, artesanais e outras. Deles participam pessoas de ambos os sexos com idade mínima de 50 anos. As mulheres constituem a maioria em todos os grupos e se destacam pela expressividade, foram as primeiras a se apresentarem e atenderem ao pedido de entrevistas. Discorrem com facilidade sobre suas experiências, ideais e dificuldades, demonstrando segurança naquilo que fazem e pensam. Das 600 pessoas participantes dos grupos observados, o percentual de mulheres atinge 87%, enquanto os homens são apenas 13%.

O grupo de convivência aparece como um lugar onde se tecem relações de proximidade e aconchego caloroso. Muitas entrevistadas declararam que ali fizeram "boas amizades", as quais cultivam com carinho. Os participantes também intitulam seus grupos batizando-os assim: Renascer, Reviver, Cabeça Prateada, Vivendo e Aprendendo e outros. Alguns desses grupos congregam mais de 50 pessoas; um deles expandiu-se, tornando necessário dividi-lo em dois, para permitir o melhor desenvolvimento das atividades.

Atualmente os grupos de convivência aparecem com mais visibilidade e, como uma moda, se multiplicam no espaço público, aparecendo como novidade o apoio do Estado, através de políticas sociais. Os grupos pesquisados integram os Centros Sociais Urbanos das Secretarias de Ação Social do Estado ou do Município¹³ no programa de atendimento ao idoso, executado por servidores públicos, que dispõem de pequenos recursos financeiros e materiais para realizar as atividades. Os grupos se organizaram espontaneamente no passado, integrando-se ao programa dos Centros Sociais em 1991, passando a serem coordenados por assistentes sociais, psicólogas ou voluntários indicados pelo serviço público. Os discursos dos técnicos apresentam diversas concepções sobre o envelhecimento e valorizam, com argumentos, a profissionalização da gestão da velhice¹⁴, sugerindo uma atitude pedagógica para ensinar condutas adequadas para fortalecer as expectativas positivas nos participantes.

¹² DEBERT, G.G.. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. In DEBERT, G.G.. *Antropologia e Velhice*, Textos Didáticos n.º 13. IFCH/UNICAMP, Campinas, 1994, p. 7-30.

¹³ A antiga LBA desenvolveu atividade semelhante no passado. O SESC realiza um programa sócio-recreativo para idosos desde a década de 70.

¹⁴ DEBERT, G.G.. O Remapeamento do Curso da Vida, XVIII Encontro Anual ANPOCS, Caxambu - MG, 1993, xerox.

As atividades realizadas têm objetivos lúdicos, pedagógicos e produtivos. As primeiras são as brincadeiras, as festas, as confraternizações, precedidas de preparativos que envolvem ensaios de música, dança e teatro, preparação de roupas especiais, ornamentos e objetos. Essas tarefas são divididas entre todos os participantes. Há a ação pedagógica nos ciclos de palestras e debates sobre temas diversos e atividades artesanais, quando os próprios idosos escolhem o que preferem executar ou produzir.

As atividades também têm características terapêuticas, quando a coordenadora habilitada (psicóloga) desenvolve terapias de grupo. Além disso há atendimento individual em questões relativas à vida pessoal e familiar. A prática de solidariedade é considerada "muito importante" pelas entrevistadas e contribui para consolidar as amizades. As pessoas se ajudam no fazer cotidiano e nas tarefas do grupo. As coordenadoras incentivam a busca do crescimento pessoal.

Os grupos pesquisados diferem daqueles intitulados Clubes da Maioridade, também apoiados pelo Estado, através das secretarias de turismo, não só pelas atividades desenvolvidas, mas pela posição sócio-econômica dos participantes. Enquanto os primeiros são constituídos de pessoas das camadas populares, os segundos congregam segmentos de classe média e média alta para atividades de lazer e turismo.

No impacto desses movimentos se poderia perguntar qual o significado do incentivo à sociabilidade das pessoas idosas. A sociedade estaria mais interessada em suas questões? Ou as formas de gestão da velhice são adotadas para educar idosos das camadas populares, preparando-os para soluções comunitárias de seus problemas, com base no fortalecimento da solidariedade? A análise dos grupos de convivência é um meio para compreender essas motivações.

As mulheres dos grupos de convivência

Animadas, sós ou acompanhadas, elas chegam e se encaminham para o salão da reunião. O riso alto anuncia suas presenças. O encontro delas é um ritual de abraços e, enquanto aguardam a coordenadora, movimentam-se num grande burburinho, parecem alunas à espera da professora. A reunião começa, se fazem as comunicações e se iniciam as atividades de grupo. A coordenadora se desdobra para atender a todas, escutando os pedidos e as mensagens carinhosas. Sua autoridade é reconhecida e ela é responsável pelo controle da frequência e pelo êxito do programa. Sua mediação ajuda a sintonizar a espontaneidade das mulheres com as metas do trabalho institucional. Analisando grupos semelhantes em Salvador-BA, Aida B. Motta, concluiu: "A verdade é que se os meios de realização da vida fossem sempre adequados, envelhecer-se-ia com muito mais segurança e vigor. Sem precisar de artificiais reuniões, mais ou menos gratificantes, de grandes grupos. Os velhos simplesmente reunir-se-iam com quem quisessem, sem o recurso social ao rebanho"¹⁵.

¹⁵ MOTTA, A.B. Chegando P'ra Idade, XIX Reunião da ABA, Niterói, 1994, mimeo, p. 11. A autora faz análise contundente desse recurso oficial de agregar as idosas em projetos coletivos.

Descobrir como as mulheres idosas subvertem a ordem e transformam o espaço público num lugar de satisfações e respeito à própria individualidade é um dos desafios da pesquisa em andamento. Por ora, apresento os resultados parciais do material sobre o qual trabalhei, fazendo a análise das entrevistas qualitativas que realizei com 20 mulheres dos grupos de convivência. Tento aprofundar aspectos relativos à vida familiar, aos relacionamentos afetivos, ao grupo de convivência, às aspirações atuais e às concepções sobre o envelhecimento.

A entrevista foi feita com perguntas específicas para assegurar as informações procuradas, face à disposição das entrevistadas de discorrerem sobre vários aspectos de suas vidas. Não sendo objetivo da pesquisa desenvolver histórias de vida, foi necessário conter os depoimentos, mesmo reconhecendo-se a riqueza de alguns deles. No contexto da análise, indico as características sócio-demográficas gerais levantadas junto às participantes dos grupos.

O fator idade é especialmente importante, uma vez que define a primeira condição para participar dos grupos. Apesar do limite mínimo para a admissão ser 50 anos, observou-se que as idades se distribuem entre 55-84 anos, concentrando-se a metade na faixa 60-69 anos. Quase todo o restante está entre 70-79 anos (40%) e somente 10% das participantes têm entre 55-59 ou 80-84 anos. A heterogeneidade das idades se distribui por um período que alcança uma diferença de até 30 anos entre as participantes. Na linguagem corrente e independente da idade objetiva de cada uma, e mesmo a minoria de menos de 60 anos¹⁶, todas se consideram na terceira idade. As menos idosas não questionam estarem distantes da idade oficial do envelhecimento.

O estado civil aponta para situação de casamento para quase a metade das entrevistadas, enquanto são viúvas e solteiras as demais. Porém, nas atividades quase todas estão sós, sendo raro encontrar um casal participando, apesar do grande número de casadas. Questionadas sobre esse aspecto, disseram que os maridos "gostam de outras coisas" como jogos, festas de largo, conversas de bar, danças e bebidas, ou "não gostam de sair com elas". Essas respostas também sugerem motivos que afastam o segmento masculino dos grupos de convivência.

A trajetória ocupacional das mulheres idosas, revelada nas entrevistas, indica que mais da metade pertence à condição de ex-trabalhadoras, estando aposentadas atualmente. Tal constatação é relevante por tratar-se de mulheres que vivenciaram a dupla jornada, cuja experiência as tornam diferentes daquela mulher que se ocupou do trabalho doméstico exclusivamente¹⁷. As outras entrevistadas têm a condição de pensionistas ou de pensionistas/aposentadas simultaneamente. As pensionistas se identificaram como viúvas que hoje recebem o benefício deixado pelos maridos. As pensionistas/aposentadas são viúvas, mas também desfrutam da

¹⁶ A discussão sobre a "cronologização do curso da vida" aponta como as "fronteiras das idades" são cada vez mais diluídas. Do ponto de vista da demografia se considera 60 anos de idade o marco inicial da velhice. Ver DEBERT, G.G., opus cit. e FEATHERSTONE, M., opus cit..

¹⁷ MORAGAS, R.M.. *Gerontologia Social. Envejecimiento y calidad de vida*. Barcelona: Editorial Herder, 1991.

O autor discute aspectos relacionados à dupla jornada, à aposentadoria para dona-de-casa e ao não reconhecimento do trabalho doméstico realizado exclusivamente pelas mulheres, na sociedade espanhola contemporânea. p. 172-178.

aposentadoria pela condição de ex-trabalhadoras. No passado, as aposentadas exerceram as seguintes profissões: costureira, doméstica, servidora pública, agricultora e serviços gerais, conforme seus relatos.

A escolaridade é inexistente para dois terços das entrevistadas. As pessoas idosas pertencem às gerações que tiveram poucas oportunidades escolares, principalmente as de origem rural. E como elas dizem, o pouco que sabem, aprenderam "na escola da vida". As demais entrevistadas possuem algum nível escolar compreendido entre o início e o término do primeiro grau e, excepcionalmente, o segundo grau incompleto. Aparentemente, a sensível diferença do nível de escolaridade da minoria não interfere na convivência, nem nas atividades desenvolvidas nos grupos.

A renda individual é de um salário mínimo para dois terços delas, 13% têm entre um e três salários mínimos, 14% não responderam e somente 2% delas informaram uma renda entre três e cinco salários mínimos. Esta renda visivelmente baixa deve ser relativizada, por não se tratar de renda familiar¹⁸ e por outros aspectos que destacarei mais adiante.

A moradia é própria para um grande número - 86% assim declararam -, indicando que esse segmento dispõe de um valioso bem, mesmo reconhecidas as modestas condições dessas habitações. A propriedade da casa como bem material e simbólico é uma aspiração fundamental e tê-la atendida fortalece o poder de negociação da pessoa idosa, junto aos seus filhos, bem como, os arranjos familiares e a ocupação da moradia¹⁹. As mulheres idosas compartilham a casa com mais quatro outras pessoas em média, conforme levantou-se. Como declaram, convivem só com filhos ou com esposo e filhos a grande maioria delas. Mas, uma pequena parte, vive só com o esposo ou com outras pessoas, parentes ou não. A presença de netos na convivência doméstica é muito expressiva (30%), mas o número das que vivem sós (7%) é elevado, considerando-se serem pessoas das camadas populares, onde o hábito de viver só é pouco conhecido.

Discorrendo sobre a organização da casa, as mulheres relatam serem as responsáveis pelo trabalho doméstico. Isso significa que elas continuam exercendo os mesmos papéis da vida adulta. Quase metade disse "cuidar sozinha" dos afazeres domésticos. A outra metade recebe ajuda de filhas, netas, noras ou outra pessoa e, às vezes, do marido. Reconhecem as dificuldades para realizar certas tarefas como as limpezas pesadas ou fazer compras. Demonstram grande preocupação com a limpeza, que consideram uma questão de honra: "manter a casa limpa e arrumada, fazer comida bem feita e a roupa bem lavada"²⁰.

Cristina Bruschini, discutindo a questão da divisão sexual do trabalho e analisando as relações familiares na classe média, concluiu: "A mistificação do papel de esposa e de mãe concretizou-se mais facilmente na medida em que a casa e família passaram a significar a mesma coisa, apesar de na verdade não o serem:

¹⁸ PRATA, L.E.; CAMPANÁRIO, P. e SOARES, C.A.. Envelhecimento, Renda e Família no Estado de São Paulo. in *São Paulo em Perspectiva*, vol. 7 nº. 4, 1993. Revista da Fundação SEADE. São Paulo, p. 129-142.

¹⁹ SARTI, C.A.. *A Família como Espelho*. Um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.

²⁰ SARTI, C.A.. *Opus cit.*, p. 5. A autora analisa a importância da ordem no ambiente doméstico.

enquanto a casa é uma unidade material de produção e consumo, a família é um grupo de pessoas ligadas por laços afetivos e psicológicos”²¹.

Os relacionamentos familiares estão sempre no horizonte das conversas; elas relatam as satisfações, os conflitos e citam as preferências por um ou outro familiar. Os filhos, para aquelas que os possuem, são o centro de suas vidas e o carinho que recebem deles é a “coisa mais importante”. Perguntadas sobre qual a pessoa com quem melhor se relacionam na família a resposta unânime é, “com a filha”. O esposo e o filho aparecem em posição secundária. Depois vêm as netas e os netos e, também, irmão ou irmã. A nora não foi indicada por nenhuma delas.

A família aparece como a principal relação dessas pessoas, com destaque para as relações de filiação²². Como constatado em outras pesquisas, a família prossegue como a principal referência das relações humanas. “A família não é, portanto, uma instituição que está perdendo suas funções. Mas, ao contrário, é uma unidade responsável pelo desempenho de várias funções que se articulam para alcançar o consumo desejado”²³.

Para relacionar a vida atual dessas pessoas com sua vida anterior solicitou-se que comparassem numa escala variável entre “muito pior” e “muito melhor” seu momento atual. Das 20 mulheres entrevistadas oito responderam “a vida hoje é melhor”, seis consideram “muito melhor”, três consideram “igual” e três consideram “pior”. Nenhuma respondeu que a vida hoje seria “muito pior”. As respostas indicam um elevado grau de satisfação sugerindo uma representação otimista do momento atual para a grande maioria. Essa satisfação pode estar relacionada com a qualidade das relações familiares, por terem superado dificuldades para criar os filhos, por terem hoje uma moradia própria, serem autônomas na vida cotidiana, terem um nível razoável de saúde ou por disporem de “renda certa”²⁴.

Para conhecer as concepções sobre idade/velhice foram propostas duas perguntas:

- 1) Como se sente com a idade que tem?
- 2) O que é ser velha(o)²⁵?

²¹ BRUSCHINI, C.. *Mulher, Casa e Família*. Cotidiano nas camadas médias paulistas. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 46.

²² GODARD, F.. *La Famille, Affaire de Générations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

Esse estudo sobre a família contemporânea na França destaca as novas formas de relações familiares e defende a tese de que a família é negócio de gerações. O autor discute longamente a questão das transmissões de bens de pais para filhos, a ajuda dos avós aos netos e reconhece que, com a redução do “Estado de Bem-Estar”, as avós são chamadas para desempenhar papéis de assistência e proteção às crianças. Adverte que o prolongamento da vida humana permitiu a existência de famílias de quatro e cinco gerações atualmente.

²³ BRUSCHINI, C.. Op. cit., p. 70. A autora, discutindo os conceitos genéricos de família, também afirmou: “Famílias são grupos de procriação e de consumo, lugar privilegiado onde incide a divisão sexual do trabalho, em função da qual determina-se o grau de autonomia e subordinação das mulheres” (p. 32).

²⁴ CABRAL, B.E.S.L.. Op. cit. Aponte a importância da “renda certa” da aposentadoria para ex-trabalhadores rurais, que passaram grande parte de suas vidas à mercê da sazonalidade do trabalho agrícola e do desemprego. p. 110.

²⁵ NERI, A.L.. *Envelhecer num País de Jovens*. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas: Editora Unicamp, Série Teses, 1991.

A maioria das respostas mantem o otimismo, e algumas enfatizam dificuldades. Relaciono a seguir algumas dessas respostas:

“Apesar da idade minha vida é maravilhosa e a família contribui muito para isso” (66 anos).

“Sinto-me forte para a idade que tenho e bem melhor que gente nova” (79 anos).

“Hoje é melhor do que antes. Considero que comecei a viver agora” (67 anos).

“Minha vida é normal. Tenho problemas que são comuns à idade, tenho diabetes e hipertensão. Mas minha família é boa” (66 anos).

“Tem horas que tenho esperança, outras não. Penso que posso me sair melhor ou pior. Tenho problemas de saúde e já fiz várias cirurgias” (77 anos).

“Eu não me sinto velha. Embora não possa fazer tudo, ainda tenho muitas atividades” (66 anos).

“A idade não interfere. Me chamam de velha, mas sou nova. Meu espírito é novo. Eu não me sinto bem por causa do neto violento que vive comigo” (71 anos).

“Me sinto bem, em parte porque Deus me deixou viver até agora. Tive dezoito filhos, morreram dez. Me sinto uma menina... Já passei por muita coisa ruim, mas já passou” (72 anos).

As respostas oferecidas pelas mulheres idosas reafirmaram imagens negativas do envelhecimento. A rejeição à velhice é notória e elas parecem convictas ao afirmar: “eu não me sinto velha”. Elas relacionam a satisfação pessoal com a própria idade, ao bom entendimento na família. São expressivas e para reafirmarem-se acionam imagens da juventude, de que se acreditam portadoras, e se imaginam “melhor que gente nova”. A última resposta contém elementos da narrativa de uma vida extraordinária. Uma mulher de 72 anos revela ter tido 18 filhos, mas já morreram 10. Ela sofreu muito, mas já passou. E, hoje, ela se sente nova, “uma menina”. As marcas do tempo, visíveis em suas faces e em seus corpos, não são suficientes para convencê-las. Sem disporem de meios para preservar a aparência de juventude, numa sociedade que cultua o novo e o belo, elas se amparam na força da auto-estima e na vigorosa vontade de viver como uma auto-defesa, para negar aquilo que os outros vêem.

Nas respostas à pergunta seguinte (o que é ser velho?), o otimismo quase desaparece e predomina a ambigüidade entre o incluir-se ou não naquela característica que correntemente define o seu grupo etário. Observa-se a tendência em definir como velho(a) pessoas com características opostas às suas próprias, em protestar pelo tratamento que a sociedade dá aos mais velhos e em relutar enquadrar-se nesta condição. Assim responderam:

“É muito ruim, porque as pessoas chamam a gente de velha” (75 anos).

“Não tenho nem idéia, verdade! A gente não sabe se é velha. Às vezes se vê decaída, não sabe dizer se está velha” (67 anos).

“A mocidade é melhor. A velhice precisa ser respeitada. Os velhos não são respeitados e hoje não têm valor” (71 anos).

“Dependendo da pessoa, o velho pode ser o novo e o novo tornar-se velho” (66 anos).

“Velho é a pessoa que não pode mais trabalhar” (69 anos).

Comparando-se os dois conjuntos de respostas constata-se duas formas diferentes de tratar a questão. Quando tratam da própria pessoa revelam-se fortes, determinados e otimistas, acionam opiniões positivas. Quando se referem aos outros balizam suas respostas nos estereótipos, reforçam imagens de declínio e se apóiam em princípios morais. Como por exemplo, “velho não tem prestígio prá nada. Velho acabou-se, não vale nada. É um bicho prá lá, desprezado” (76 anos).

Apesar disso, na experiência dos grupos prevalece a imagem positiva. Ali são pessoas desenvoltas que cantam, dançam, fazem uso da palavra livremente e demonstram grande entusiasmo²⁶.

Para elas, o grupo significa a conquista de um lugar de satisfação pessoal e uma forma de romper com a trajetória de submissão à casa e à família. É um espaço importante, que também permite o distanciamento temporário da vida doméstica. Dentre as respostas à pergunta “por que participa do grupo?” destaco duas sugestivas razões que apóiam esta conclusão:

“Freqüento o grupo para fugir do barulho e dos problemas de casa” (67 anos).

“Gosto do grupo porque aqui não se trabalha” (72 anos).

Conclusão

As mulheres entrevistadas são pessoas das camadas populares, militantes dos grupos de convivência de idosos, que consideram uma importante experiência pessoal.

A representação positiva da vida atual e dessa militância, presentes em suas expressões, devem ser relacionadas à trajetória dessa geração e ao contexto histórico da sociedade em que nasceram e se tornaram adultas.

As relações familiares são as mais significativas, e o centro de suas atenções são os filhos. Mas, também, não são as únicas nem as exclusivas de suas vidas.

Nos grupos elas buscam satisfação pessoal e valorizam o relacionamento com pessoas da mesma idade. O fator idade aparece como elemento de coesão e elas se identificam como pessoas da “terceira idade”.

Metade das entrevistadas é casada, mas raramente se encontra um casal freqüentando reuniões.

A liberdade de que desfrutam não é ampla. Devem seguir horários combinados na família e “há sempre o que fazer em casa”. É uma liberdade negociada, às vezes com intervenção das coordenadoras, que intercedem para assegurar a participação no grupo. Há famílias que discordam das atividades e

²⁶ MATTOS, F.M.. Velha é a Vovozinha - identidade feminina na velhice. Porto Alegre: UFRGS/PPGAS, Dissertação de Mestrado, mimeo, 1990. Esta monografia original sobre mulheres de um grupo de convivência analisou “a faceirice” nessa etapa da vida e também apontou a auto-imagem positiva das idosas.

tentam impedir a freqüência da Idosa. Ignoram seu direito de ir e vir, dificultam sua saída de casa. Elas resistem e não se intimidam para enfrentar os obstáculos, superando-os.

Sob a aparente harmonia familiar existem conflitos de interesses que afetam as pessoas em graus variados, o que requer das mais Idosas grande esforço para conciliar "autoridade e afeto"²⁷ sem destruir a própria autonomia e a auto-estima, o que nem sempre é uma tarefa fácil. Às vezes é preciso muita paciência. E, apoiando-se na filosofia popular, argumentam, "nada como um dia atrás do outro" para se conseguir o que se quer. Pacientemente, elas lembram: "a vida começa todo dia".

²⁷ BARROS, M.L. de. *Autoridade e Afeto*. Avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.